



O caminhante entre a metáfora do deserto e a metáfora do caminho

Traducción realizada por Sirlei Reginatto

"O parque natural conserva esse antigo estado que em todos os outros lugares foi sacrificado, com pena, à necessidade objetiva. Aí está permitido brotar e crescer tudo, ainda o inútil, até mesmo o daninho (Freud, 1916: 339)". Neste ponto, então, a fantasia se mostra como um modo de recuperação da satisfação perdida.

As fronteiras, lugar de defesa e lugar de intercâmbio, muro e corredores que o atravessam. Poderes que aí estão em jogo e políticas que são colocados em jogo cada vez. Ler nas "fronteiras", estejam onde elas estiverem, as políticas do poder e os modos de construção dos sujeitos. Modelos que se habilitam ou não para isso e, neste ponto, como psicanalistas, temos a responsabilidade de nos questionarmos sobre a nossa participação. ¿Que modelo temos para nos perguntarmos sobre como se constroem sujeitos? ¿Moisés, Cristo, Édipo? Nietzsche, Heidegger, Freud, Lacan, Winnicott?

Tomamos os modelos das fronteiras, dos seus muros, das suas portas e janelas, não como separação entre entidades, isto é, entre territórios, linguagens, religiões, corpos, saberes, senão como espaços entre um dentro e um fora, de um querer entrar e de um poder sair, figuras de borda, de identidades a serem estabelecidas, com porosidade e flexibilidade, dissemos, constituição como "seres vivos", temáticas de defesas necessárias ou excessivas que estão em jogo e que mostram os seus efeitos na nossa época. A pergunta será centralizará, então, não "entre" entidades consolidadas, senão no "entre" interior à suposta "identidade", às fronteiras interiores a toda mesmidade. Freud, Lacan, Nietzsche, Ricoeur Foucault, Derrida permitiram que aquela Psicanálise que Freud situou "entre" a Medicina e a Filosofia tivessem hoje certos entrecruzamentos que enriqueceram tanto a Filosofia como a Psicanálise.

Caminho e deserto: *se hace caminos al andar*



Mas aqui tomaremos outras metáforas, que além de paredes e de muros, movimentos de forças e pulsões, de vontades móveis, de forças fluentes, de fluxos e de bordas. De modelos de constituição subjetivas para falar de algum ponto de vista, o nosso. Modos de vida, movimentos de corpos, de vontades, de gozos e das suas bordas. Dimensão do ser vivente, caminhos de constituição, de subjetivação, entre as forças e possibilidades do ser e aquilo que faz de beira, de limitação. Duas metáforas da vida, a "metáfora do caminho" e a "metáfora do deserto", aquelas que vão acontecendo, desdobrando-se em viagens, em caminhos, em percorridos da vida.

Desvendar ou advertir a tensão "entre" a liberdade e a sujeição, a "bolsa" ou a "vida", "liberdade" ou "morte", colocadas em jogo, em conjunturas, encruzilhadas, torções, clivagens, onde ao "fluir" se vai lhe dando forma, limitação.

A pergunta é sobre que modelos estamos colocando em jogo com os modelos de "fronteiras" e de "caminho" e de "deserto". ¿Existe essa liberdade sonhada pelo caminhante? ¿Existe esse "deserto livre" e essa "cidade reclusão", supostas razões que privam de liberdade o ser? Entretanto, trata-se isto daquele "impossível", que deve ser mantido? Como potência, como algo de "um" a "um assim", de um sujeito a advir? Aquilo que Derrida reclamava à psicanálise como as resistências da própria Psicanálise à Psicanálise. (Derrida, 2001)

¿O que é de Freud nessas alternativas? ¿O que é de Lacan? ¿Quanto de liberdade impossível e de uma procura extrema deixa ao sujeito em um impossível? ¿O que faz do muro atravessado, esburacado pela palavra agalmática e quanto faz de borda, de limites, para que o sujeito não vá por um caminho sem retorno ou que percorra caminhos novos, outros rumos? Então, ¿como repensar "caminho" e "deserto" e o que de um "entre"?

"O caminhante. Quem só de certa maneira conseguiu se libertar da razão não pode se sentir na terra mais do que um caminhante, embora não como um viajante a uma meta final: pois não existe. Mas, sem dúvida, quer observar e ter



os olhos abertos para tudo o que, propriamente falando, acontece no mundo; por isso não pode prender o seu coração muito firme em nada singular; nele mesmo deverá ter algo de vagabundo que encontre seu prazer na mudança e na transitoriedade”. (Nietzsche, 1878, p. 638)

“A filosofia nietzscheana é filosofia de caminho e de demora provisória: o outro tem morada em nós, neste lugar de não posse, lugar sempre deslocado do *Selbst* que se torna "ego" como resultado do próprio processo da enunciação. Quando quer dizer "ego", já foi dito (porque é resultado e não causa da enunciação)”. (Cragolini, 2005, p. 20).

No meu artigo "Repensar el Edipo" (2007), afirmava:

A referência à metáfora do “caminho” me parece fundamental. (Foucault M., 1981-82; Livov, G., 2009) “Caminho” como lugar de passagem, cenário, diria ainda, lugar de inscrição possível, quadro-verde, onde acontecerão e serão inscritas as pegadas desse percorrido onde ocorre a construção de um sujeito. Como tal, essa travessia tem momentos significativos de tensão, de encruzilhada e de inflexão, de guinada, onde há mudanças na posição subjetiva, nos gozos (*jouissance*) e nas condições de saber-poder. O caminho, onde transcorre a vida e a constituição de si mesmo, foi visto “como metáfora do pai” e, nesse sentido, como direção, rumo, marca, diferente a esse outro espaço, desse outro cenário, que é o “deserto”, lugar sem marcas, lugar de um caminhar como “errância”, como “vagabundagem” (Vaschetto, E., 2010), onde a marca ou o rumo marcado pela metáfora do pai é menos pregnante, ou ausente, ou mais questionada. Mas é justamente porque há caminho e não só deserto, há fatos que ocorrem na sua beira, “encruzilhadas”, lutas de um “passar primeiro”, de um “ir para um lado ou deixar passar”, de um “demorar-se”. (Canteros, J., 2007)

No entanto, nos será proposto isto a necessária existência do "deserto" ali onde cada um a encontre, sonhe com ela, ou a investigue? Utilize-a no seu “saber fazer”, mesmo assim com o impossível? Trata-se de algo mais do que a recomendação freudiana de "cultivar o seu jardim"? (Freud, 1920). Não haveria ali o lugar de cada um em buscar ou em sonhar o seu "deserto"? mas, talvez haja uma diferença evidente entre "jardim" e "deserto" Tudo isto haverá de transformar-se naquilo?

Continuando com meu artigo:



“A proposta deste artigo é resgatar aspectos, a partir da complexidade do mito, que nos permitam reconhecer a presença (mas, sobretudo a necessidade) na sua trama e no seu percorrido, de uma leitura deste que vá além do âmbito do familiar para analisar as suas abrangências e desenlaces. Um Édipo, modelo constitutivo do sujeito, que não leva em consideração estes aspectos produz, apesar da sua suposta finalidade de exogamia, de proibição do incesto, um excesso do predomínio de laços sociais com o próprio e um rechaço pelo estrangeiro, uma exclusão do estranho” (Canteros, J., 2007).

Proponho, então, que o atravessamento edípico, travessia, caminho a ser percorrido, metáfora do caminhante e do pai, requer “do estrangeiro” para incluir a alteridade e como tal, uma leitura que reclama do Édipo a sua elaboração, não só desde o lugar do pai dos seus filhos, enquanto filhos da sua fratria, senão do outro, do alheio, do seu ser outro, que não costuma encontrar totalmente o seu lugar nas vicissitudes do Édipo. Para situar o alheio, em uma operação que “resta”, ou seja, fora do edípico, do familiar, mas que resgata o caráter nuclear que esse outro tem no próprio. Por isso, “Édipo Rei” requer de “Édipo em Colono”, do Édipo e a hospitalidade.

O lugar do estrangeiro (Derrida, J., 1997; Livov, G., 2009), visitante-convidado ou ainda visitante-não convidado, é quem pode trazer uma nova proposta, aquela capaz de propor uma mudança necessária, enriquecedora, vindo de fora, um novo saber que possibilitará uma transformação. Aqui, então, a opção será a escuta necessária, um dar lugar àquilo que vindo do estrangeiro aporta uma mudança. E, mais ainda, onde o perigoso, mesmo o ominoso, pode estar de um lado ou do outro da fronteira, aquele *unheimlich* (Freud, 1919). Isto aparece claramente no relato de Édipo em mais de um momento. O suposto lugar próprio, seu território, além das suas fronteiras, mesmo da sua cidadania, perde-se e se recupera em movimentos de desterro, de retorno e de migração, isto é, em um eixo com o qual poderíamos trabalhar o percorrido edípico, é o de uma “migração” no movimento próprio da constituição subjetiva. O que implica reconhecer a própria expulsão ou desterro que o interior familiar pode ou deve produzir, e que faz necessário, então, incluir também uma mudança na suposta linearidade do caminho e dar lugar, ou ainda, produzir, esse percorrido pelo



“exilio”, ou ainda pelo “deserto”, enquanto movimento de mesmidade e alteridade em cada sujeito ao longo da sua vida. E isto não só entendido como a relação do sujeito com o outro alheio de si no estrangeiro senão também a alteridade consigo mesmo, isto é, o outro, o estranho de si mesmo. (Ricoeur, P., 1990).

Bibliografía

Bauchau H. (2006) *Edipo en el camino*. Buenos Aires, Del estante Editorial.

Canteros, J. (2007): *Memoria, sujeto, trauma*. Revista de Psicoanálisis. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina. vol.61 n°1. P 93 - 124. issn 0034-8740

(2017): *Repensar el Edipo. Entre lo familiar y lo extraño*. En “Debates Cruciales del Psicoanálisis Contemporáneo: Cuerpo-Edipo- Sexuación” Compiladores Leticia Glocer-Fiorini, Jorge Canteros, Laura Katz, Alejandra Vertzner Marucco. Lugar Editorial-APA -Editorial. Buenos Aires, ISBN 978-950-892-543-5.

Mónica Cragolini (comp.) (2005): *Modos de lo extraño. Alteridad y subjetividad en el pensamiento posnietscheano*. Buenos Aires, Santiago Arcos.

Derrida, Jacques (2001): *Estados de ánimo del psicoanálisis. (Lo imposible más allá de la soberana crueldad)* Buenos Aires, Paidós editores

Foucault, Michel (1981-1982): *La hermenéutica del sujeto*, Fondo de Cultura Económica, México, 2002

Freud, S. (1916): 23 Conferencia. Los caminos de la formación de síntoma. En J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XVI)*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. 1976.

(1919): *Lo ominoso*, En J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XVII)*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. 1976.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Derridá, Jacques y Anne Dofourmantelle (1997) *La Hospitalidad*, Ediciones de La Flor, Buenos Aires, 2008.

Livov, Gabril (2009): *Triple aproximación a la metáfora del apacentamiento político en Platón en Andrade, Nora* (editora), Estrategias discursivas en la Grecia Antigua, Editorial Eudeba, Buenos Aires.

Nietzsche, F. (1878): *Humano, demasiado humano*. Editores Mexicanos Unidos 5a. edición, febrero de 1986

Ricoeur, Paul (1990), *El sí mismo como otro*, siglo XXI editores, Madrid, 1996.

Vaschetto Emilio (2010): *Los descarriados, clínica del extravío mental: entre la errancia y el yerro*, Editorial Gramma